



REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES HOMOSSEXUAIS: IDENTIFICANDO E COMPARANDO AS REPRESENTAÇÕES DE HOMENS HOMOSSEXUAIS E HOMENS HETEROSSEXUAIS SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA

SOCIAL REPRESENTATIONS AND THE PROCESS OF CONSTRUCTING
HOMOSEXUAL IDENTITIES: IDENTIFYING AND COMPARING THE
REPRESENTATIONS OF HOMOSEXUAL MEN AND HETEROSEXUAL MEN
ABOUT MALE HOMOSEXUALITY

Eduardo Borges Carmo¹
Fernanda Mendes Resende²

RESUMO: Apresentamos os resultados de uma pesquisa, realizada em 2016, que contou com o financiamento PROBIC/FAPEMIG, teve como objetivo verificar quais as representações sociais que homens homossexuais e homens heterossexuais têm da homossexualidade masculina. A Teoria das Representações Sociais foi o eixo teórico, visto que permite analisar o modo como os indivíduos compreendem fenômenos da realidade. Essa compreensão ocorre mediada por conhecimentos compartilhados entre os indivíduos em seus contextos. Foram entrevistados nove homens homossexuais e sete homens heterossexuais, com idades que variaram entre 18 e 26 anos, universitários, moradores de uma cidade do sul de Minas Gerais. Para auxiliar na análise foi utilizado o conceito de heteronormatividade, ou seja, a compreensão de que a sexualidade é percebida a partir de uma matriz heterossexual. Como resultado, percebeu-se que os dois grupos, heterossexuais e homossexuais, compartilham elementos em suas representações da homossexualidade, o que se justifica por estes grupos estarem inseridos em um mesmo contexto social. Entretanto, também foi possível verificar diferenças significativas quanto ao conteúdo e, principalmente quanto à coesão das representações de cada grupo.

PALAVRAS-CHAVE: Representações Sociais; Homossexualidade; Heteronormatividade.

ABSTRACT: We present the results of a research conducted in 2016, funded by PROBIC / FAPEMIG, which aim was to verify the social representations that homosexual men and heterosexual men have of male homosexuality. The Theory of Social Representations was the theoretical basis chosen, since it allows analyzing the way individuals understand the phenomena of reality. This understanding is mediated by knowledge which is shared among individuals in their contexts. We interviewed nine homosexual men and seven heterosexual men, aged between 18 and 26, all undergraduate students and residents of a city in the south of Minas Gerais. To support the analysis, the concept of heteronormativity was used, that is, the comprehension that sexuality is perceived from a heterosexual matrix. As a result, it was noticed that the two groups, heterosexual and homosexual, share elements in their representations of homosexuality, which is justified by these groups being inserted in the same social context. However, it was also possible to verify significant differences regarding the content and, mainly, the cohesion of the representations of each group.

KEYWORDS: Social Representations; Homosexuality; Heteronormativity.

¹ Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Poços de Caldas. Foi bolsista do Programa de Iniciação Científica da PUC Minas – PROBIC/FAPEMIG. eduardobcarmo@outlook.com

² Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. É professora Adjunta IV na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - Poços de Caldas. fernandamendesresende@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Este texto apresenta os resultados de uma pesquisa intitulada “Representações Sociais Da Homossexualidade Masculina: identificando e comparando as representações de homens heterossexuais e homens homossexuais”³. Essa pesquisa se coloca no campo das discussões sobre sexualidade, visando discutir os processos de construção de identidade de homens homossexuais. Para isso, tem em vista que esses processos ocorrem atravessados pelas representações que circulam nas sociedades, representações essas que se colocam no cotidiano dos sujeitos independente de suas características individuais.

A sexualidade extrapola o âmbito privado, isto significa que apesar de ser mais um elemento das identidades dos sujeitos, ela também se coloca nas relações cotidianas em diversos níveis. Ou seja, a sexualidade implica tanto nas relações interindividuais quanto no modo de estruturação das sociedades e na relação que os sujeitos têm com seus afetos e corpos. No decorrer da história, a sexualidade tornou-se objeto de estudo e domínio da religião e das ciências, estas, por sua vez, vêm descrevendo, compreendendo, regulando, explicando, educando e normatizando a sexualidade. Essas normatizações e proibições, ainda que tenham variado na história, colocaram uma das possibilidades de expressão da sexualidade como centro e, por consequência, outras expressões de sexualidade foram consideradas dissidentes e sofreram sanções (FRY, MACRAE, 1985; LOURO, 2008, FOUCAULT, 2014).

Uma vez que esses discursos e normatizações demonstram o modo que às sociedades compreenderam a sexualidade ao longo da história e na atualidade, a Teoria das Representações Sociais (TRS) pode ser considerada uma perspectiva útil de análise das mesmas. Isto porque, a TRS permite analisar as relações entre as compreensões dos fenômenos da realidade e os modos como as sociedades e os sujeitos lidam com estes.

Deve-se ter em vista que as representações se constroem, circulam, proliferam e se modificam no meio social. E que estas são incorporadas, modificadas e “devolvidas” ao meio por cada sujeito, representante de diferentes grupos sociais. Neste sentido, os sujeitos, independente de sua sexualidade, estão imersos em uma realidade com representações que preexistem aos próprios sujeitos individualmente. Portanto, mesmo que estes modifiquem ou reelaborem representações, representações sociais diversas coexistem no meio social (MOSCOVICI, 2013).

³ A pesquisa foi financiada pelo Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais, através do Programa de Iniciação Científica da Pontifícia Universidade Católica de Minas.

Partindo disto, pode-se supor que pertencer a um determinado grupo, no caso o de homossexuais, não implica em ter representações “positivas” sobre o mesmo, pois, esse grupo está inserido em uma sociedade na qual existem diferentes representações do mesmo, muitas das quais são “negativas”. Logo, as Representações Sociais que este grupo terá de si mesmo são influenciadas pelas outras representações disseminadas no contexto social que está inserido.

Com base nessas reflexões, a pesquisa buscou verificar de que modo os homens homossexuais são influenciados pelas RS sobre a homossexualidade que circulam na sociedade e para isso identificou e comparou as RS de homens homossexuais e homens heterossexuais acerca da homossexualidade.

2 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Segundo Moscovici (2013), os indivíduos se relacionam com a realidade a partir de representações desta, isto é, de compreensões e interpretações que os cercam. Como afirma Jodelet (2001), os sujeitos criam representações porque há a necessidade de se informar, saber como comportar-se e dominar o mundo. Nesse sentido, o que Moscovici (2013) propõe é pensar as representações não apenas como um conceito, mas como um fenômeno. Contrapondo assim a compreensão que a sociologia tinha das representações, vistas como artifício exploratório e irredutível a análises posteriores, havia uma afirmação da existência das representações coletivas, como por exemplo o mito, a religião, existentes a priori e com certa imutabilidade. Diferentemente da Teoria das Representações Sociais, desenvolvida no âmbito da psicologia, que considera o aspecto sociológico da construção da realidade, mas a partir das experiências sociocognitivas dos grupos na construção de conhecimentos, tendo foco de análise suas estruturas e dinâmicas.

Ao construir uma compreensão acerca de um objeto e comunicar/compartilhar essa compreensão, as RS passam a ter duas funções: convencionalizar e prescrever. Elas convencionalizam objetos, pessoas e acontecimentos, ou seja, elas dão forma, os localizam em uma determinada categoria, a qual é partilhada por outras pessoas. Quando são identificados novos elementos estes se juntam ao modelo anterior e se sintetizam. Estes, percebidos através das experiências, somam-se com a realidade já convencionalizada. Por meio desse processo os indivíduos identificam elementos significativos e não significativos da realidade, podendo assim agregar as RS aqueles que sejam significativos (MOSCOVICI, 2013).

As RS são prescritivas, impõem-se sobre os indivíduos de maneira irresistível e são anteriores à própria existência dos sujeitos individuais, no sentido de que há uma cultura que preexiste e o sujeito é inserido nesta. Ao convencionar um objeto também são estabelecidos modos de lidar com o mesmo. Portanto, ao reagir à realidade a partir daquilo que se compreende dela há também um modo prescrito de como fazê-lo. As representações compartilhadas penetram e influenciam o modo de agir, ou seja, as práticas sociais, não são pensadas pelos sujeitos individualmente, mas são (re)pensadas e (re)elaboradas por eles (MOSCOVICI, 2013).

Para que exista uma representação sempre é necessário que haja um objeto a ser representado, independente da matéria da qual esse objeto é composto. Pode ser tanto uma pessoa, quanto acontecimento, fenômeno, ideia, teoria, mítico ou real. Contudo, sempre haverá a necessidade do objeto. A representação de um objeto, o apresenta e o substitui e toma o seu lugar. Essa substituição permite que o objeto torne-se presente mesmo que esteja distante ou ausente, permite que os sujeitos se relacionem com o objeto, sejam influenciados por ele, ainda que não estejam na presença deste (JODELET, 2001).

Assim, como não há representação sem um objeto a ser representado, deve haver um sujeito que represente o objeto. Jodelet (2001) afirma que essa representação do objeto é impregnada do sujeito e da atividade. O processo de representação não corresponde, fidedignamente, ao objeto por completo, visto que a representação é uma reconstrução do objeto, e o sujeito da situação está localizado em um tempo, espaço e contexto histórico-cultural. Caso contrário, os objetos seriam representados igualmente por todos os sujeitos. As RS são sempre a representação de algo e de alguém (sujeito-objeto). A relação que a representação estabelece com o objeto é sempre de simbolização e de interpretação, ou seja, ela o substitui e lhe confere significados.

A representação, sendo uma reconstrução do objeto, é expressiva do sujeito. Isto provoca uma defasagem do objeto representado, ou seja, mesmo que haja uma materialidade do objeto que não pode ser negada e da qual a representação não pode se desvencilhar, essa representação estará impregnada dos valores e códigos coletivos, assim como das implicações pessoais e engajamentos sociais do indivíduo (JODELET, 2001; JOVCHELOVITCH, 2011).

Tendo em vista as finalidades das RS apontadas por Moscovici (2013), isto é, compreender e comunicar, bem como as funções de convencionalizar e prescrever, pode-se afirmar que as RS são de suma importância na relação que os sujeitos estabelecem com a realidade, visto que interferem em vários processos. Como afirma Jodelet:

Geralmente, reconhece-se que as representações sociais – enquanto sistemas de interpretação que regem nossa relação com o mundo e com os outros – orientam e organizam as condutas e as comunicações sociais. Da mesma forma, elas intervêm em processos variados, tais como a difusão e a assimilação dos conhecimentos, o desenvolvimento individual e coletivo, a definição das identidades pessoais e sociais, a expressão dos grupos e as transformações sociais (JODELET, 2001, p.22).

Moscovici (2013) afirma que o objetivo de todas as representações é tornar familiar algo não familiar. O autor ainda ressalta que este processo não é fácil e para isso os indivíduos podem colocar em funcionamento dois mecanismos: ancoragem e objetivação.

A ancoragem refere-se à inserção de algo antes estranho no pensamento/categoria já constituído, isto é, ancorar o desconhecido em representações já existentes. Neste processo, compara-se este “algo novo” às categorias e paradigmas já existentes, assim o desconhecido passa a ter características desta categoria semelhante e é (re)ajustado para que se enquadre. Se a classificação é aceita, as opiniões e valorações de um objeto também passam a ser conferidos ao outro. (SPINK, 1993; MOSCOVICI, 2013). Neste sentido, a ancoragem expressa uma tendência a recuperar e perpetuar os sentidos que já se tem, pois, trata-se de uma retomada de significação familiar que ajuda o não familiar a se tornar familiar. (JOVCHELOVITCH, 2011).

A objetivação remete à cristalização de uma representação. Ela opera formando imagens; assim noções abstratas tornam-se algo concreto, quase tangível. Cada um dos objetos de representação tem uma realidade que se revela, a qual foi constituída antes dele pelas comunidades e práticas relacionadas a ele, é à sedimentação desta realidade no objeto que se refere a objetivação (SPINK, 1993; JOVCHELOVITCH, 2011).

Deschamps e Moliner (2014), ao discutirem as relações entre as RS e as Representações Identitárias, ressaltam o quão complexos são os processos identitários afirmando que, ainda que estes processos sejam fortemente influenciados pelas informações que os indivíduos têm de si ou que os grupos têm de si, apontam a existência de outros elementos envolvidos. Isto ocorre porque além das representações relacionadas ao “si mesmo” existem as representações quanto à realidade que os cerca. As representações da realidade cruzam-se com as representações do si mesmo e deste modo interferem no sentimento de identidade.

A relação estabelecida pelos autores aproxima-se das formulações de Jodelet (2001) quando a autora afirmar que as RS, enquanto sistemas de interpretação, interferem em múltiplos processos, dentre eles, os processos de desenvolvimento individual e coletivo, bem como na construção das identidades. E estes, por sua vez, têm implicações no sentimento de pertenc-

ça social. Jodelet (2001) ainda ressalta que em decorrência dessa relação, as RS são decisivas ao abordar a vida mental individual e coletiva.

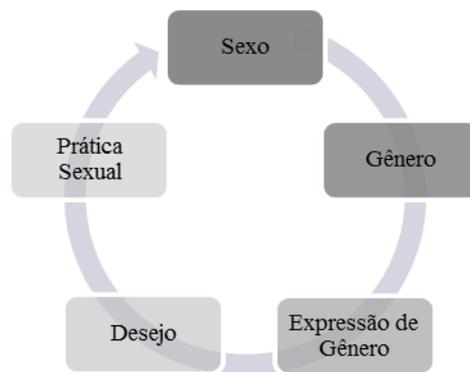
Os processos identitários são de grande importância para os indivíduos, pois, permitem que eles elaborem conhecimentos e representações deles mesmos, dos grupos a que pertencem e assim diferenciem-se dos outros e dos grupos com quais estão interagindo. Através dessas identificações esses conhecimentos podem ser cristalizados e então comparados, deste modo são identificadas semelhanças e diferenças, esses últimos processos são essenciais para o sentimento de identidade. A delimitação do que é do sujeito e do o que é do outro (DESCHAMPS; MOLINER, 2014).

As RS perpetuam-se na sociedade e com isso, influenciam diretamente na construção dos sujeitos, tanto em sua forma de perceber o outro quanto perceber a si mesmos. Essa perpetuação dá-se pelo caráter dinâmico e grupal das RS; após serem criadas nos grupos elas se disseminam, modificam e podem dar origem a outras representações/significados. (MOSCOVICI, 2013).

3 A SEXUALIDADE E AS FRONTEIRAS DE IDENTIDADE

A sexualidade é uma característica constitutiva do sujeito, isso significa que é um aspecto importante tanto para constituição da identidade do sujeito quanto das sociedades. Houve uma marginalização de algumas identidades sexuais, dentre elas a homossexualidade ainda é colocada como desviante, anormal e/ou periférica. Entretanto, mais relevante do que dizer isso é salientar que outra sexualidade, a heterossexualidade, é colocada como central, normal, legítima. Essa legitimação do sujeito heterossexual e marginalização de outras sexualidades caracteriza o que se chama de heterossexismo e/ou heteronormatividade (LOURO, 2008; LOURO, 2010; WEEKS, 2010; FOUCAULT, 2014).

Apesar do que aponta Costa (1994), quanto ao caráter relacional dos aspectos da sexualidade, ela ainda é compreendida com a centralidade da heterossexualidade em detrimento de outras possibilidades de constituição da identidade sexual. Isto porque há uma compreensão heteronormativa da sexualidade, a qual afirma uma continuidade desses aspectos (figura 1). Nessa compreensão heteronormativa da sexualidade, o sexo, ao ser interpretado socialmente, serve como base para a construção do gênero, este que envolve mais do que elementos físicos, mas também de personalidade, papéis sociais e sexuais. Estando definida a identidade de gênero, haveria uma determinação do objeto de desejo e “consequentemente” uma prática sexual (LOURO, 2008; LOURO, 2010; BUTLER, 2014).

Figura 1 – Hipótese Heteronormativa da Identidade Sexual

Fonte: Elaborada pelos autores.

Butler (2014) coloca a separação sexo/gênero em seu limite lógico, partindo da afirmativa de que o gênero trata-se dos significados culturais atribuídos ao sexo, e que um corpo masculino pode adquirir os significados do gênero feminino. Se considerar essa distinção no limite, como propõe a autora, o gênero por si não necessariamente teria que ser compreendido de forma binária como o sexo. Neste sentido, o gênero seria plural. Essa afirmação de Butler, pode ser aproximada do que propõe Costa (1994) ao afirmar que há uma mobilidade das identidades de gênero, que não é determinado pelo sexo.

Costa (1994) acrescenta o termo *papeis de gênero*, diferenciando-o de *identidade de gênero*. Para este autor, os papeis de gênero referem-se aos papeis sociais masculinos e femininos, os quais independem da identidade de gênero que por sua vez é definida pelo autor como um *sentir-se*. Nesta perspectiva, um homem pode variar seu papel de gênero, aproximando-se ou distanciando-se do feminino, sem que isto modifique o fato de sentir-se homem.

Além disso, Butler (2014) distingue desejo (ou orientação afetivo-sexual) de prática sexual. Não haveria, portanto, uma determinação “natural” das práticas sexuais a partir de uma definição do desejo. Porém, a autora salienta que há uma busca, a partir de uma matriz heterossexual, em se “estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre sexo biológico, o gênero culturalmente construído e a ‘expressão’ ou ‘efeito’ de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual” (BUTLER, 2014, p.38).

Homossexualidade e heterossexualidade situam-se, portanto, no campo das orientações afetivo-sexual, como denomina Costa (1994). Este autor acrescenta a palavra “afetivo”, no usualmente utilizado “orientação sexual”, com o intuito de frisar que as relações não se

dão apenas de modo sexual. Para Butler (2014) a homossexualidade e a heterossexualidade se caracterizariam no campo do desejo, ou para onde o desejo se direcionaria. Mais uma vez, em ambos os autores fica claro que há um caráter relacional entre sexo biológico, identidade de gênero e orientação afetivo-sexual/desejo. Porém, não há entre eles uma dependência ou relação causal.

Traçar definições sobre a homossexualidade, como afirma Fry e MacRae (1985), é algo difícil de ser realizado, isto porque, ao se questionar “O que é a homossexualidade?” parte-se do princípio que esta seja alguma coisa, quando na verdade o termo se refere há muitas possibilidades de relacionamento entre pessoas do mesmo gênero. (FRY; MACRAE, 1985; BUTLER, 2014).

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa se propôs a investigar as Representações Sociais de homens heterossexuais e homens homossexuais sobre a homossexualidade. Considerando o material a ser analisado, tratou-se de uma pesquisa qualitativa por ter como objetivo investigar um fenômeno em sua complexidade (BOGDAN, BIKLEN citado por BOAVENTURA, 2012). A intenção de buscar uma maior familiaridade acerca deste tema caracteriza esta pesquisa como exploratória na perspectiva de Gil (2002).

Foi utilizado o estudo de campo por possibilitar uma compreensão aprofundada sobre características do universo de uma população. População não deve ser entendida apenas com referência a território, mas também como referência a outras características que aproximem os indivíduos (GIL, 2002).

4.1 Participantes e Local

Os requisitos para participar da pesquisa foram: ser homem que tenha relações homossexuais, exclusivamente ou não, ou ser homem heterossexual que conheça pelo menos um homossexual do gênero masculino, ter mais de 18 anos e estar disposto a participar da pesquisa em acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aprovado pelo Comitê de Ética da PUC Minas Nº 535.600, CAAE 49762715.0.0000.5137. Considerando que um dos objetivos da pesquisa foi identificar as representações sociais de homens homossexuais e a complexidade da sexualidade humana, nos critérios para participação da pesquisa considerou-se como critério manter relações afetivo-sexuais com homens, mas não sendo necessário que

se mantivessem relações exclusivamente com homens, visto que o que interessa para a pesquisa é a vivência de relações homossexuais e o modo como o indivíduo percebe este tipo de relação. Os dados obtidos com os participantes bissexuais foram agrupados com os homossexuais, pelos motivos que já foram salientados acima.

Para encontrar os participantes da pesquisa foi utilizada a técnica “bola de neve”. Esta técnica consiste em identificar alguns sujeitos elegíveis através de indicações de outras pessoas. Em seguida, os sujeitos são contatados, informados sobre quem lhe indicou e convidados a participar da pesquisa. A todos foi solicitado que indicassem um amigo ou parente que se enquadrava nos critérios de seleção. Cada pessoa indicada foi contatada por telefone e informada sobre a pesquisa (GASKELL apud IRIGARAY; FREITAS, 2011).

Participaram da pesquisa: 16 homens, sete heterossexuais, seis homossexuais e três bissexuais; com idades entre 18 e 26 anos; estavam distribuídos em sete cursos: Administração, Arquitetura e Urbanismo, Direito, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Engenharia de Minas, Publicidade e Propaganda.

4.2 Instrumentos

A coleta de dados foi realizada utilizando três instrumentos: Escala de Crenças Essenciais; “inquérito ‘o que é homossexualidade?’”; entrevista por pautas. Todos os instrumentos foram aplicados tanto com os homens homossexuais quanto com os homens heterossexuais, havendo diferença para os grupos apenas na entrevista por pautas. Tanto a Escala de Crenças Essenciais quanto o inquérito são adaptações elaboradas por Cravo (2015) a partir da versão elaborada por Haslam e Levy (2009) e a entrevista por pautas foi elaborada pelo autor desta pesquisa e sua orientadora.

A Escala de Crenças Essenciais tem sete categorias que são: base biológica, mutabilidade, estabilidade, distinção, características intrínsecas, invariância histórica e universalidade. Para cada uma dessas categorias há uma sentença afirmativa. Este instrumento é uma escala *likert*⁴ delimitada em três possibilidades de respostas exclusivas: concordo plenamente, concordo parcialmente e discordo plenamente. O objetivo da utilização deste instrumento é encontrar a ancoragem dos participantes relativas à homossexualidade masculina.

No “Inquérito ‘o que é homossexualidade?’”, foi solicitado aos participantes que escrevessem as seis primeiras palavras que completassem a sentença “A homossexualidade é

⁴ Escala em que os participantes devem responder especificando o quanto concordam com a afirmação. A escala utilizada é de três itens.

[...]”, após as primeiras seis palavras, foi solicitado que escolhessem dentre as seis, duas palavras que melhor definem para completar a mesma sentença, e por último é pedido que completem com uma única palavra a mesma sentença.

A entrevista por pautas era composta por quatro perguntas que serviam para orientar a respeito do que os participantes deveriam falar, não havendo um tempo de resposta para cada uma. As entrevistas foram gravadas para posteriormente serem transcritas e analisadas. As perguntas que orientaram a entrevista foram: *“Como você descreveria o comportamento de homens homossexuais?”*; *“Você acha que existem muitas diferenças entre as formas dos homossexuais se comportarem?”*; *“O que você pensa a respeito destas diferenças?”*; *“O que você pensa a respeito de demonstrações de afeto em público entre homens homossexuais, ou seja, se abraçarem e se beijarem em público?”*; *“Como se sente em relação a ser homossexual (se relacionar com homens)?”*. E por fim, era questionado se o participante teria mais alguma coisa a acrescentar sobre o tema ou sobre a pesquisa, mesmo que isto não tivesse sido contemplado no decorrer do processo de coleta de dados.

4.3 Procedimentos de Coleta e Análise de Dados

A aplicação dos instrumentos e a realização da entrevista ocorreram na Clínica Escola de Psicologia da PUC Minas, Campus Poços de Caldas. A aplicação e a entrevista ocorreram no mesmo dia e horário, combinados previamente com cada participante de acordo com a disponibilidade destes. Os participantes receberam cópias impressas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, tendo sido realizada a leitura junto com os participantes e sanadas as dúvidas.

Os dados obtidos na Escala de Crenças Essenciais passaram por um tratamento estatístico pelo programa Excel 2014, sendo que primeiro foi realizada uma análise generalista agrupando os dados dos homens homossexuais e dos homens heterossexuais. Posteriormente, foi realizada uma análise separando os participantes homossexuais dos heterossexuais e realizando uma comparação entre os grupos.

As palavras obtidas pelo inquérito “O que é homossexualidade?” foram analisadas qualitativamente de modo categorial, separando e reagrupando as palavras em categorias analíticas, de acordo com a análise categorial proposta por Bardin (2004). Estas categorias foram estabelecidas após à coleta de dados.

A entrevista por pautas foi analisada através da análise de conteúdo, isto porque este método tem como partida a mensagem, a qual expressa um o sentido e um significado (FRANCO, 2005).

5 RESULTADOS

A análise dos dados obtidos em cada instrumento foi apresentada separadamente. A Escala de Crenças Essencialistas objetivava identificar crenças dos participantes acerca da homossexualidade; o inquérito visava apreender a objetivação da homossexualidade, como ela é significada pelos participantes; a entrevista, assim como o segundo instrumento, tinha como objetivo perceber significados que os participantes atribuem a homossexualidade.

Portanto, a análise é apresenta da seguinte forma: (1) análise das respostas à Escala de Crenças Essencialistas, apresentando uma visão geral das respostas dos participantes e subsequentemente as respostas específicas dos grupos; (2) análise em categorias das respostas ao Inquérito “O que é a homossexualidade?”; (3) análise das entrevistas.

5.1 Respostas à Escala de Crenças Essencialistas

Esta escala visava verificar as crenças quanto à homossexualidade masculina em sete categorias: Base Biológica – a homossexualidade seria causada por fatores biológicos, tais como genes e hormônios; Mutabilidade – um homossexual poderia tornar-se heterossexual; Estabilidade – tanto homossexuais quanto heterossexuais seriam muito bem definidos desde a infância; Distinção – a homossexualidade seria uma categoria com limites claros e nítidos, portanto os homens seriam ou não homossexuais; Características Intrínsecas – os homossexuais masculinos possuiriam características necessárias ou definidoras, sem as quais não seriam homossexuais; Invariância Histórica – a homossexualidade masculina provavelmente teria existido ao longo de toda a história da humanidade; e a Universalidade – a homossexualidade provavelmente existiria em todas as culturas e sociedades humanas.

O resultado da categoria Universalidade deve ser invertido, isto porque discordar plenamente significa concordar plenamente com a universalidade da homossexualidade masculina, considerando que esta questão afirmava que “a homossexualidade masculina provavelmente existe somente em algumas culturas/sociedades humanas”.

A tabela a seguir apresenta separadamente os resultados dos grupos de homens heterossexuais e homens homossexuais. Ela foi elaborada apresentando os números absolutos de

respondentes e quanto este número corresponde proporcionalmente ao grupo. A fim de facilitar a descrição dos dados da Tabela 1, serão utilizadas as siglas: CPI = concorda plenamente; CPr = concorda parcialmente; DPI= discorda plenamente.

Tabela 1 – Comparação das respostas de heterossexuais e homossexuais à ECE

		Heterossexuais		Homossexuais	
I	Base Biológica				
	Concordo Plenamente	2	29%	2	22%
	Concordo Parcialmente	2	29%	5	56%
	Discordo Plenamente	3	43%	2	22%
II	Mutabilidade				
	Concordo Plenamente	1	14%	0	0%
	Concordo Parcialmente	3	43%	2	22%
	Discordo Plenamente	3	43%	7	78%
III	Estabilidade				
	Concordo Plenamente	2	29%	2	22%
	Concordo Parcialmente	5	71%	5	56%
	Discordo Plenamente	0	0%	2	22%
IV	Distinção				
	Concordo Plenamente	4	57%	1	11%
	Concordo Parcialmente	3	43%	4	44%
	Discordo Plenamente	0	0%	4	44%
V	Características Intrínsecas				
	Concordo Plenamente	4	57%	0	0%
	Concordo Parcialmente	2	29%	5	56%
	Discordo Plenamente	1	14%	4	44%
VI	Invariância Histórica				
	Concordo Plenamente	5	71%	9	100%
	Concordo Parcialmente	2	29%	0	0%
	Discordo Plenamente	0	0%	0	0%
VII	Universalidade				
	Concordo Plenamente	0	0%	0	0%
	Concordo Parcialmente	2	29%	0	0%
	Discordo Plenamente	5	71%	9	100%

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao analisarmos os dados comparando os grupos, é possível verificar algumas distinções e similaridades nas respostas destes. Há uma dispersão de respostas de ambos os grupos em algumas categorias (Características Intrínsecas e Base Biológica), demonstrando uma divergência tanto dentro dos grupos quanto quando analisados juntos.

Porém, para o grupo homossexual é possível verificar duas afirmações que seriam absolutas ou compartilhadas por todos os membros (DPI = 100%; CPI = 100%): A homossexualidade provavelmente existiu ao longo de toda a história da humanidade e provavelmente existe em todas as culturas/sociedades humanas. Também é possível verificar outra afirmação muito difundida no grupo a de que um homossexual não pode tornar-se heterossexual (DPI = 79%).

No grupo heterossexual não houve afirmações absolutas, porém as categorias Invariância Histórica, Universalidade e Estabilidade obtiveram uma maior coesão.

5.2 Respostas ao Inquérito “O que é a homossexualidade?”

As palavras obtidas no inquérito foram categorizadas a fim de facilitar a compreensão. O inquérito era composto de três perguntas: na primeira o participante deveria colocar seis palavras que lhe viessem à “mente” para completar a frase “A homossexualidade é...”; na segunda ele deveria selecionar, dentre as seis palavras colocadas anteriormente, duas palavras que melhor definissem o que é a homossexualidade; e por último o participante deveria selecionar, dentre as palavras, qual delas melhor definiria o que é a homossexualidade.

As categorizações das palavras são apresentadas indicando a frequência, o percentual em relação às demais categorias e as palavras que aparecem em cada uma das categorias. Algumas categorias aparecem em ambos os grupos (homossexuais e heterossexuais).

A seguir são apresentadas duas tabelas (Tabela 2 e Tabela 3), com as categorias das respostas dos grupos.

Tabela 2 – Categorias das palavras dos participantes heterossexuais

Heterossexuais			
Categoria	Frequência	%	Itens
Intencionalidade	2	28,5	Escolha
Sentimento	2	28,5	Amor; Felicidade
Normalidade	1	14,2	Normal
Normatização	1	14,2	Disfunção Biológica
Direito	1	14,2	Liberdade
Total de palavras	7	100	

Fonte: Dados da pesquisa.

Há uma interrelação entre as categorias verificadas no grupo de homossexuais. Nenhuma das categorias é oposta à outra, elas se complementam. Isso não ocorre no grupo de heterossexuais. Além das respostas se dispersarem nas cinco categorias, algumas delas se opõem como Normalidade e Normatização, ou ainda Direito e Normatização. Isto porque, ao falar de Normatização, de regulação dos modos de ser, por consequência excluem-se os direitos de ser que não correspondem a uma norma, e por isso é transgressora, ou seja, anormal.

Tabela 3 – Categorias das palavras dos participantes homossexuais

Homossexuais			
Categoria	Frequência	%	Itens
Normalidade	5	56	Normal; Natural; Comum; Comportamento Natural
Sentimento	3	33	Amor; Sentimento
Relação	1	11	Sexo
Total de palavras	9	100	

Fonte: Dados da pesquisa.

Para analisar as categorias obtidas é importante ter em vista que o objetivo do instrumento era verificar como a homossexualidade masculina era objetivada pelos grupos de homens homossexuais e heterossexuais. Ou seja, de que modo esse mecanismo das RS atuavam nesses grupos. Verificar quais as objetivações e identificar a que elementos da realidade o objeto, nesse caso a homossexualidade masculina, é conectado para que possa tornar-se tangível e presente na realidade dos indivíduos.

O que se verifica é que não há uma dificuldade de compreensão quanto à homossexualidade, mas modos distintos de representá-la. Sobretudo no grupo de heterossexuais, há uma dispersão maior das objetivações. No entanto, quando as categorias da terceira questão são comparadas entre os grupos, em que os participantes deveriam escolher a palavra que melhor definia homossexualidade, conectando, portanto, o objeto a um elemento da realidade, percebe-se que no grupo de homossexuais não há categorias que de algum modo a representem de modo negativo ou regulador, diferente das categorias do grupo de heterossexuais.

5.3 Análise das Entrevistas

A análise das entrevistas foi realizada através da análise de conteúdo. Este método foi escolhido por ter como foco a mensagem, independente de como esta se apresenta. Busca-se o sentido e o significado expressos na mensagem. Para a leitura dos dados foi utilizada a Teoria das Representações Sociais. O método de análise de conteúdo mostra-se congruente sendo que considera as condições contextuais em que as mensagens são originadas, não sendo possível, portanto, desvincular mensagem e contexto, e mais do que isso, a mensagem ganha sentido através do contexto. Isto ocorre porque as mensagens são carregadas de componentes cognitivos, afetivos, valorativos e *historicamente mutáveis*⁵ (FRANCO, 2005).

⁵ Grifo nosso.

As respostas dos participantes foram categorizadas e agrupadas de acordo com o sentido e posteriormente foi feita a análise das categorias. A seguir são apresentadas as categorias, estando separadas por grupo.

5.3.1 *Categorias do Grupo Heterossexual*

As respostas dos entrevistados foram classificadas em seis categorias: Normatização; Normalidade; Intencionalidade; Identidades Sociais; Adaptação; Invariância.

Normatização: É possível verificar uma distinção estabelecida entre homens e homossexuais, indicando que homossexuais comporiam uma categoria distinta, diferente de homens e mulheres. Entretanto, ocorre em alguns momentos uma aproximação entre homossexualidade e heterossexualidade. Contudo, essa aproximação parece ter o intuito de determinar o modo como estes sujeitos (homossexuais) devem se comportar em relação à sociedade. Isso porque há uma afirmação de semelhança perante a lei e a sociedade, mas não enquanto possibilidade de ter direitos semelhantes, mas dever de não desrespeitar as leis e a moral.

Normalidade: Verifica-se uma afirmação da orientação sexual como mais um aspecto da identidade dos indivíduos, não sendo esta um definidor de outros comportamentos da personalidade. Há uma equivalência entre homossexualidade e heterossexualidade. Diferentemente da categoria Normatização, essa aproximação ou equivalência afirma os homossexuais como sujeitos de direito, como por exemplo na possibilidade de homens homossexuais demonstrarem afeto em ambientes públicos, assim como heterossexuais.

Intencionalidade: Refere-se há uma intenção atribuída aos sujeitos homossexuais de, a fim de conseguir visibilidade para a luta por direitos, exporem suas sexualidades de modo intencionalmente chamativo.

Identidades Sociais: Há a afirmação de uma diferença entre os comportamentos de homens homossexuais quando comparados com homens heterossexuais. Ao se referir aos homossexuais e ao modo destes se comportarem, os participantes afirmam uma série de características que para ele seriam típicas de todos os homens homossexuais.

As categorias *Adaptação* e *Invariância* vão referir-se ao modo como os homens homossexuais se comportam em cada contexto. A primeira indica que existem homossexuais que adaptam seu comportamento em função do contexto em que estão. Apesar dessa afirmação não são apresentadas justificativas quanto ao que levaria a essa adaptação. A categoria de *Invariância* diz respeito à um modo de agir de homossexuais que seria igual independente do contexto social em que estivesse inserido.

5.3.2 *Categorias do Grupo Homossexual*

São identificadas cinco categorias: Incorporação de Preconceitos; Normalidade; “O Gay Heteronormativo”; Normatização e Suas Implicações; Militância e Visibilidade.

Incorporação de Preconceitos: Assim como alguns participantes afirmam a existência de estereótipos, preconceitos e da crença na hipótese heteronormativa, é possível identificar estes mesmos elementos, por eles citados, na fala de alguns participantes homossexuais.

Normalidade: Foi a categoria que apresentou o maior número de respostas. Os participantes fazem referência, ao fato de não existir relação de determinação entre orientação sexual e personalidade. Isso porque os comportamentos que muitas vezes são considerados típicos de homossexuais poderiam ser apresentados tanto por homossexuais quanto por heterossexuais

“O gay heteronormativo”: Os participantes referem-se a um comportamento idealizado por alguns homossexuais, tanto reconhecendo em amigos próximos quanto afirmando que seria desejável que os homossexuais se comportem-se mais próximos à um ideal masculino. O termo que dá nome a essa categoria, “*O gay heteronormativo*”, foi utilizado por um dos entrevistados para se referir à mudança “voluntária” de comportamentos de alguns gays para se adequarem a um suposto ideal de masculinidade.

Normatização e Suas Implicações: Evidencia-se a compreensão que os participantes homossexuais têm quanto à forma como a sociedade os representa e as relações que se estabelecem a partir disso. Nas falas dos participantes verificam-se o reconhecimento de que existem implicações para aqueles que vivenciam sexualidades que fogem da matriz heterossexual. Além disso, há também o receio de pessoas homossexuais frente a sociedade em função das consequências de não se enquadrarem em uma norma sexual ou ainda de demonstrar afeto, ainda que não seja para um parceiro sexual, mas para outra pessoa do mesmo sexo, o que confere um risco para ambos.

Militância e Visibilidade: Apresenta a necessidade que alguns participantes apontam de que ocorram demonstrações públicas de afeto para que os sujeitos vivenciem seus direitos e ao mesmo tempo naturalizem os afetos, o que por sua vez, auxiliaria na luta por direitos e igualdade.

6 DISCUSSÃO

Ao buscar integrar os resultados dos instrumentos, alguns dados são corroborados e outros complementam os dados obtidos. O primeiro elemento que merece ser destacado refere-se as semelhanças encontradas entre as RS dos grupos e, ao mesmo tempo também identificando diferenças significativas entre elas. Essas semelhanças podem ser identificadas nos percentuais das respostas a ECE quanto a Invariância Histórica e a Universalidade da homossexualidade; nas categorias Normalidade e Sentimento, encontradas no inquérito; bem com na categoria Normalidade das entrevistas que se verificam em ambos grupos.

Essas semelhanças salientadas podem ser justificadas nas proposições de Moscovici (2013) e Jodelet (2001) ao afirmarem que as RS têm um caráter social e comunicativo, sendo compartilhadas. Isso significa que mesmo as representações individuais são constituídas a partir de elementos compartilhados da realidade. Deste modo, ainda que existam diferenças, é possível perceber elementos compartilhados por indivíduos de uma mesma comunidade, considerando inclusive que esses indivíduos estão inseridos psicologicamente ou de forma real/presencial em determinados grupos, que contribuem para a construção de suas representações sociais. Como afirma Moscovici, os sujeitos absorvem as RS, as modificam e devolvem ao contexto.

Há ainda uma maior coesão e complementariedade nas respostas do grupo homossexual, quando comparado ao grupo heterossexual. As respostas do grupo homossexual tendem a se complementar tanto no inquérito quanto na entrevista, na qual pode-se verificar de modo mais expressivo. Uma possível leitura das respostas deste grupo, agrupando as respostas de todos os instrumentos seria: *a homossexualidade seria algo normal, mais um elemento das identidades dos sujeitos, que existiu em toda a história da humanidade, em todas as culturas, porém sofre sanções por não adequar-se há uma norma sexual.*

No grupo heterossexual as respostas se dividem em todos os instrumentos, ao mesmo tempo que existe a afirmação da homossexualidade ser normal, há afirmação de que é uma disfunção biológica, o que a aproximaria de uma patologia. Ela é uma liberdade porém deve ser comedida para não infringir leis ou ferir a moral.

Apesar dessas contradições serem mais flagrantes no grupo heterossexual, também podem ser verificadas, ainda que em frequência menor, no grupo homossexual. Uma das categorias das respostas a entrevista, “O Gay Heteronormativo”, demonstra o modo como as RS influenciam na constituição identitária de homens homossexuais. Nas entrevistas se verifica o já mencionado ideal que alguns homossexuais valorizam ou tentam atingir. O que os “apro-

ximaria de um ideal de ser homem”, ainda que tenham uma sexualidade considerada desviante. Deschamps e Moliner (2014) auxiliam a compreender o que motiva esse comportamento de homossexuais ao apresentarem que alguns sujeitos de grupos minoritários podem buscar aproximar-se de características de grupos dominantes a fim de não sofrer sanções, ou diminuir as sanções, por suas características “depreciativas”.

Essa relação entre identidade e implicações sociais apontadas pelos autores é reiterada pelos participantes ao afirmarem que o modo como cada sujeito se relaciona com a sexualidade é implicada pela compreensão social e pelas punições sofridas. É importante salientar que essa compreensão social de elementos das identidades dos sujeitos, mencionada por Deschamps e Moliner (2014), são as RS dessa comunidade sobre esses elementos identitários. Essa ressalva tornar-se de suma importância por retomar que as representações individuais sobre um determinado elemento da realidade se constitui a partir das RS da comunidade na qual os sujeitos estão inseridos, como afirmam Moscovici (2013) e Jodelet (2001).

Ou seja, o modo como um sujeito, neste caso homens homossexuais, representam a homossexualidade, constroem sua identidade e podem orientar suas práticas sociais em relação a sua orientação sexual e a orientação sexual de outros homens homossexuais, em relação à outras pessoas com sexualidades dissidentes, estando diretamente ligada com o modo como assimilaram as RS que existiam em suas comunidades e com o conteúdo dessas RS, baseadas muitas vezes em estereótipos e preconceitos.

O preconceito se instala a partir do momento que a diferenciação grupal não permite um sentido de comparação que não seja de exclusividade, isto é, *uma comparação que exige hierarquização, já que a existência de uma posição ameaça a soberania identitária de outra.* (PRADO; MACHADO, 2008, p.24)

No discurso heteronormativo sempre há uma matriz a partir da qual todas as outras sexualidades são pensadas, a heterossexual, é a partir dessa que as demais são avaliadas. Não há uma relação de igualdade, mas de hierarquização. O que é corroborado na citação de Prado e Machado (2008). Questionar essa matriz heterossexual é ameaçar a soberania identitária da heterossexualidade, o que por sua vez justificaria a dispersão maior das respostas dos heterossexuais. Questionar os preconceitos sobre a homossexualidade implica em reavaliar elementos da heterossexualidade, portanto, repensar elementos da própria identidade.

Verificam-se modos diferentes de pensar e lidar com a própria sexualidade, no caso dos homens homossexuais. Todos os participantes do grupo homossexual reconheciam o que Louro (2008), Weeks (2010) e Butler (2014), afirmam em relação ao modo como as socieda-

des ocidentais compreendem a sexualidade, a partir de uma centralidade do personagem heterossexual. Porém, ainda que houvesse esse reconhecimento, são identificados “preferências” de homossexuais por se relacionarem, não apenas sexualmente, com outros homossexuais que se aproximassem de um ideal de masculinidade, por exemplo.

Ao realizar a leitura dos dados, é importante reiterar que os dados não podem ser visto desvinculados do contexto. Isso porque como afirmam Prado e Machado (2008) não é por acaso que atualmente o tema da sexualidade seja discutido de modo mais amplo como nunca antes na história do Brasil. Essa possibilidade de luta por direitos e discussão que ocorre hoje tem relação com a história da sexualidade no país.

As sexualidades dissidentes da norma heterossexual foram tratadas de modos diferentes em cada período da história do país. Desde o Brasil colônia até os dias atuais a homossexualidade foi percebida de várias formas, concomitantemente ou não: criminosa, patológica e/ou promíscua. Mesmo nos anos 1960 quando têm início os movimentos sociais, ainda permanece uma visão da homossexualidade associada à promiscuidade (GREEN; POLITO, 2006; FRY; MACRAE, 1985).

Esse contexto histórico auxilia a compreender essas representações sociais identificadas nos grupos, sobretudo quanto os elementos heteronormativos, isso porque “as práticas sociais baseadas na heteronormativa, constituíram-se ao longo de toda a história ocidental” (PRADO; MACHADO, 2008, p.13).

A Psicologia enquanto ciência e profissão tem um papel fundamental nas discussões acerca da sexualidade. Ela, juntamente com outras áreas da saúde, define e divulga parâmetros de normalidade e anormalidade de comportamento e vida mental. Sendo assim, contribui para construção e desconstrução de preconceitos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A identidade sexual se constrói de modo singular, cada sujeito a vivencia de modo diferente. Apesar disso, existem referencias a partir das quais isso acontece. Ainda que seja singular, existem referencias a partir das quais essas identidades sexuais são compreendidas socialmente e assim valoradas.

Não foram encontradas muitas pesquisas que busquem compreender as representações sociais que os sujeitos de sexualidade considerada desviantes de uma matriz heteronormativa têm acerca da própria sexualidade. Por isso, essa pesquisa teve como intuito contribuir para

compreender essa relação entre RS e os processos identitários de minorias sexuais. Evidencia-se um frutífero e importante campo de pesquisa.

Reconhece-se a importância das pesquisas em psicologia sobre a sexualidade tanto por tratar-se de um tema intrínseco ao campo de estudo da ciência psicológica quanto pela relevância social do conhecimento produzido pela psicologia quanto à sexualidade. Além disso, há ainda a responsabilidade social indissociável ao fazer psicológico.

No decorrer da pesquisa verificou-se que um fator que influenciou significativamente, a imagem do entrevistador, sendo que um dos entrevistados chega a pedir desculpas por referir-se a ele como homossexual. Portanto, pode-se supor que a resposta dos participantes era fortemente influenciada pela presença e imagem do entrevistador, agindo possivelmente como um filtro.

Assim percebe-se a metodologia utilizada para pesquisas posteriores devam buscar neutralizar ou minimizar os efeitos da imagem do pesquisador envolvido, para que assim os participantes possam ter maior liberdade para expressar suas opiniões. Ainda que este estudo auxilie a compreender a percepção dos homossexuais, mostra-se necessário que ocorram outros estudos a fim de compreender outras dinâmicas das relações entre a sexualidade e as representações sociais; os sentimentos dos homossexuais em relação a própria sexualidade.

REFERÊNCIAS

BOAVENTURA, E. M. **Metodologia da Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2004. p. 55-59.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

COSTA, Ronaldo Pamplona. **Os 11 Sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana**. São Paulo: Editora Gente, 1994. 207p.

CRAVO, Felipe Augusto Monteiro; TRINDADE, Ellika. “Amarás o Teu Próximo Como a Ti Mesmo”: as representações sociais da homossexualidade masculina por religiosos. Belo Horizonte. **Pretextos** - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, nº. 1, vol. 1, jan./jun. 2016

DESCHAMPS, Jean-Claude. **A Identidade em Psicologia Social: dos processos identitários às representações sociais**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra. 2014.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 2 ed. Brasília: Liber. 2005.

- FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.
- GREEN, James N.; POLITO, Ronald. **Frescos Tópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)**. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 2006.
- IRIGARAY, Hélio A. R.; FREITAS, Maria E. Sexualidade e Organizações: estudo sobre lésbicas no ambiente de trabalho. **Organizações e Sociedade**, Salvador, vol.18, n.59, p.625-641, out/dez. 2011.
- LOURO, Guacira L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (Org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2010. p. 7-34.
- LOURO, Guacira L. **Um Corpo Estranho** - ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 90p
- JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). **Representações Sociais**. Rio de Janeiro, RJ: EdUERJ, 2001.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. **Os Contextos do Saber: representações, comunidade e cultura**. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. 10ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- PRADO, Marco A. M.; MACHADO, Frederico V. **Preconceito Contra Homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008. (Preconceito; v.6).
- SPINK, Mary Jane P. O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 9 (3): 300-308, jul/sep, 1993.
- WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (Org.). **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2010. p. 35-82.